

A Dicotomia Feminina nos Romances de Época: Uma análise da representação das mulheres em *Bridgerton*¹

Lara Karoline Souza de AQUINO²

Deborah Luísa Vieira dos SANTOS³

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

RESUMO

Em meio ao cenário de distanciamento social imposto pela pandemia da COVID-19, o consumo de cultura por demanda no conforto e segurança de casa aumenta e, em 2020, a adaptação *Bridgerton* aparece como destaque e no serviço de *streaming* Netflix. O seriado foi a maior audiência da plataforma até setembro de 2021, sendo ultrapassada pelo seriado sul-coreano *Round 6*. *Bridgerton* atingiu o recorde de 82 milhões de lares em seus primeiros 28 dias online e também alcançou 12 indicações ao Emmy 2021, premiação destinada a profissionais e programas de TV. A narrativa retrata a vida da família inglesa Bridgerton nos anos 1800, sendo uma adaptação homônima da série de livros *Os Bridgertons*, da autora estadunidense Julia Quinn, para a Netflix, em contrato com a produtora Shondaland. Entretanto, para além dos recordes, a série se destaca pela relevância dos romances de época na atualidade, destinados ao público feminino e as discussões sobre as questões de gênero, raça, classe, entre outras, capazes de aproximar o enredo dos dias atuais. Neste sentido, o artigo traz uma análise fílmica da primeira temporada da série *Bridgerton*, com foco na construção da representação feminina, a partir das seguintes questões: as personagens, figurino e narração. A presente pesquisa, parte do resultado de Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Universidade Federal de São João del-Rei, e investiga a construção do feminino, tanto nos romances de época, como na sua transposição para o seriado na figura de duas das 14 personagens femininas presentes no enredo, Eloise Bridgerton, Penelope Featherington e Lady Danbury, com intuito de observar os anacronismos presentes na construção de suas histórias. Interessa, portanto, saber de que maneira a Terceira Cultura

¹ Exemplo: Trabalho apresentado na IJ04 – Comunicação Audiovisual do XXV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 26 a 28 de maio de 2022.

² Graduada do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ, e-mail: laraaquino.souza@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora substituta do Departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: deborahvieira@ufsj.edu.br

– conhecida também como a como Cultura de Massa – dominou os espaços nos canais de *streaming* e deram luz a histórias deixadas de lado, por muito tempo, na sociedade moderna e contemporânea, igualmente, de que modo essas narrativas refletem as representações sobre o feminino do passado e do presente. Desde a criação da TV, em meados do século XX, ela contribui para a construção de diversas culturas e sociedades, sendo, inclusive, acionada para outras funções além do entretenimento. Nos dias atuais a TV conta com o reforço dos canais de *streaming* nessa jornada de influências. Nesse sentido, foi abordado, sob as perspectivas de Leontiev (1978), Berger e Luckmann (2007), o modo como o processo de socialização participa da formação dos indivíduos, das identidades e da organização diferenciada entre os gêneros, de acordo com Avelar (1989) e Wolf (2019). Em um segundo momento, discute-se os produtos culturais e suas funções sociais, entendendo a cultura como experiências adquiridas em processos de socialização humana. “O produto age sobre o produtor. A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p.87). De acordo com os autores, o ser humano não nasce membro da sociedade, mas é inserido nela a partir do aprendizado de suas regras, comportamentos e valores, passando, assim, a reconhecer, até mesmo, o lugar que ocupa no mundo. Para Avelar (1989), desde o processo de socialização há uma hierarquização de valores organizados em um sistema de prioridades, os quais variam de acordo com o gênero do indivíduo. Aos garotos são repassados, em maior proporção, valores como independência, autorrealização e importância do desempenho, relativos à razão e ao espaço público. Às garotas são transmitidos valores com maior foco na obediência, dependência e importância do comportamento maternal, relativos à emoção e ao ambiente privado. Padrões, designados a cada gênero, são naturalizados e, por vezes, qualificados como expressão de forças biológicas e psíquicas, apagando-se o caráter social de sua construção. Em *Bridgerton*, percebemos as mudanças de narrativa das representações do feminino, como forma de atualizar o enredo para adaptação. Se as representações do feminino apresentassem discrepâncias ou concordassem com as esferas sociais do século XIX, poderia reforçar construções tradicionais e estereotipadas para as meninas e mulheres consumidoras do produto no século XXI. É preciso compreender que nem toda a população consumidora tem os artifícios necessários para ponderar o que é proposto em tela, como é visto na perspectiva da Indústria Cultural. Principalmente, passando pelo

pressuposto de que os livros *Os Bridgerton* já atualizavam as figuras femininas no começo do século e, agora, ganham nova roupagem com uma mentalidade mais amadurecida dos estudos feministas e sociedade consumidora. Vemos isso na figura de Eloise (Claudia Jessie) com sua ruptura de padrões considerados como tipicamente femininos quando é revelado que todas as mulheres da família sabem atirar, algo progressista para o século XIX. Ela gostava ainda de ler e escrever, o que certamente não a garantiria um bom casamento. Queria estudar e ser independente, afirmava que a busca por maridos era entediante. Sendo uma a personagem feminina que mais se coloca como “desviante” do padrão imposto na época e mais se aproxima da mulher contemporânea, representando as insatisfações e lutas que também existiam naquele período. Vemos aqui uma boa amostra do feminismo, na prática: ser quem você quiser. Eloise é uma personagem interessante para se pensar a representação do feminino e cabe atenção nas próximas temporadas, para podermos compreender a motivação de suas escolhas. Afinal, seria o casamento uma escolha consciente ou fruto de toda uma estrutura social? Outra personagem importante para se compreender o feminino em *Bridgerton* é Penelope Featherington (Nicola Coughlan). Nos livros, é citado que a caçula Featherington foi apresentada cedo demais à sociedade, enquanto ainda mantinha a “gordura infantil”. Com o passar do tempo, Penelope perde 12 quilos, mas nunca é descrita como magra que sofreu muito no seu primeiro debate pela aparência. Na adaptação não existem sinais de que a produção vá “emagrecer” a personagem. Penelope pode ser considerada uma crítica àquela época, consonante aos debates mais atuais sobre padrões estéticos, uma vez que demonstra como a aparência e a gordofobia se fazem presentes na sociedade, bem como torna-se uma questão para as mulheres que devem “emagrecer” para caber em padrões e serem aceitas, ou seriam colocadas à margem. Por muito tempo, mulheres e meninas foram representadas nas telas com corpos magros, pele branca e cabelos lisos, representações excludentes dos corpos reais femininos e sua diversidade. Existia – e, de certo modo, ainda existe – a falta de representatividade racial, étnica e sexual. Na série *Bridgerton*, houve a inclusão de personagens negros e homossexuais na adaptação, algo que não existe na obra literária, por exemplo, visto na figura de Lady Danbury (Adjoa Andoh) que nos livros é branca, agora é apresentada como uma personagem negra de fortuna inestimável, viúva e que desafia a todos os jovens homens aristocratas. Danbury demonstra, em suas atitudes, grande autoridade e uma reputação invejável, com seu ar

astuto e senso de humor. Ela promove grandes festas para as mulheres casadas da corte poderem se divertir sem os maridos. Além de comandar uma grande fortuna do falecido marido e ser um grande “cupido” da alta sociedade londrina. Danbury, apresentam, ainda, a velha trope de “mulheres são mais sábias”, pois, enquanto ela usa de sua influência e estratégias para resolver problemas, os homens da série sempre pensam em duelar primeiro (TV TROPES, 2020). Voltando a Penelope, além da questão estética a garota é considerada aquela que usa vestidos de cores distintas escolhidas pela mãe que não valorizavam a garota e as irmãs em nada. Para Humphries (2021), o amarelo das roupas de Penelope denotam não só as costumeiras alegria, otimismo e gentileza, como também significa cautela, sendo um sinal, dentro e fora da ficção, para se ficar atento, uma vez que a garota se revela como uma das principais personagens ao longo da trama: a Lady Whistledown, a narradora. A garota sempre invisibilizada na sociedade por não se adequar aos padrões da época, aproveitou dessa condição para escrever sem ser notada. Principalmente, pela figura da Lady se construir em Penelope e percebermos que a mulher ignorada pela sociedade constrói poder e riquezas em cima do mistério e cumplicidade daqueles que embarcaram nessa jornada com ela. Algo que foi muito visto na literatura que, assim como Whistledown, autoras renomadas tiveram que usar de pseudônimos para serem lidas e chegarem a público. A própria comunicação está permeada por figuras masculinas através da perpetuação de discursos de homens, cisgêneros, brancos na academia o âmbito da comunicação – bem como, o mercado de trabalho e outras esferas – esteve fechado para nós. Além disso, percebemos a prática herdada da era colonial travou as mulheres por anos de processos de alfabetização e do mundo leitor até a inserção dos folhetins na sociedade (COELHO, 1991), ainda que agendada por homens e que agora se subverte. Por meio dessas personagens da série *Bridgerton*, é possível observar como as representações do feminino foram sendo construídas historicamente e em sociedades diferentes, sejam elas em contextos temporais ou de localização no globo. Mesmo sendo tão diversos e em sociedades tão díspares, o que se nota é que a desigualdade de gênero ainda é muito presente e que as mulheres precisam superar preconceitos e a misoginia, seja no século XIX, ou no século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Cultura; Romances de época; Mulheres; Série *Bridgerton*; Netflix.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In COHN, G. (org.). **Theodor W. Adorno** (seleção de textos). Tradução de A. Cohn. (Col. Grandes Cientistas Sociais, n. 54). São Paulo: Ática, 1986, pp. 92-99. (Original publicado em 1962).
- AVELAR, Lúcia. **O Segundo Eleitorado**: tendências do voto feminino no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 2. ed., 1989.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade** - Tratado de Sociologia do Conhecimento. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 27 ed., 2007.
- HUMPHRIES, Monica. The hidden meaning behind “Bridgerton’s” most iconic fashion moments. **Insider**. 08 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.insider.com/hidden-meaning-of-bridgertons-most-iconic-fashion-outfits-2021-1>>. Acesso em: 3 dez. 2021.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia - estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru-SP: EDUSC, 2001.
- LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Roda dos Tempos, 5. ed, 2019.